

ENCONTROS COM PAULO FREIRE

Em coerência com o tema deste número da Revista, os diálogos sobre o vivido são também dedicados a Paulo Freire.

Para o efeito pedimos a várias pessoas, que sabíamos terem tido um contacto pessoal com Paulo Freire, que nos enviassem por escrito um depoimento ou testemunho sobre a pessoa que tinham conhecido. Deste modo, pensámos que poderíamos, através de um outro tipo de registo, mostrar e evidenciar quem foi esse grande pedagogo, abrindo alguma «luz» sobre a sua personalidade.

Os depoimentos reunidos são quatro, concedidos por João Pedro Serafim, António Cardoso Ferreira, Fernando Gutiérrez e António Nóvoa. Em todos eles, os autores, transmitem-nos as suas impressões e vivências particulares com Paulo Freire, ajudando-nos, segundo cremos, a perceber a influência que a sua obra teve no contacto entre pessoas e a ver o investimento humano e efectivo com que este pedagogo sempre envolvia as suas relações interpessoais.

UM OLHAR SOBRE PAULO FREIRE

João Pedro Serafim¹

Paulo Freire, um dos «papas» da pedagogia educativa crítica, cidadão do mundo, autor da *Pedagogia do Oprimido*, é tão actual como nos tempos em que escreveu esta obra que o celebrizou, em 1970.

¹ Jornalista da Agência Lusa

Brasileiro, nordestino, nascido no Recife em 1922, reconhecido como o maior pedagogo da América do Sul e Latina e da Lusofonia, meigo e discreto como só os grandes Homens sabem ser, mas envolvente com o seu saber e a sua forte personalidade que irradiava em cada palavra, frase ou ideia que proferia, acreditava «na compreensão crítica da prática educativa». Faleceu em São Paulo com 75 anos, a 2 de Maio de 1997. Em plena era da globalização rejeitava o pragmatismo neoliberal e defendia que «não há cidadania sem liberdade assumida e sem ética».

Recebeu-me numa manhã solarenga, na sua casa cor de tijolo, em São Paulo, na zona Oeste, no Sumaré, onde o chilrear dos pássaros se misturava com a tranquilidade do verde luxuriante das árvores, a cor forte das flores, o cheiro da terra, entrecortados pelo tilintar do som do «sino dos ventos», pendurado no alpendre da porta principal. No seu escritório, depois de descermos uma escada em caracol, onde do lado direito sobressaía um lindo e grande relógio, rodeado por milhares de livros, Paulo Freire, o humanista cristão de sempre, fundador do Partido dos Trabalhadores (PT) e antigo secretário Municipal da Educação de São Paulo (1989/92) – uma das três maiores megacidades do planeta, com 18 milhões de habitantes, babilónia de raças, catedral da mestiçagem e símbolo do trabalho no Brasil, onde a riqueza opulenta convive com a pobreza no seu limiar mais baixo –, defendeu que «hoje há novos opressores no mundo», mas alertou-me: «Deve haver formas de os velhos opressores continuarem a oprimir».

Para os neoliberais as classes sociais acabaram ou esbateram-se, sustentou o pedagogo e advogado, numa das mais fascinantes entrevistas da minha vida de jornalista.

De barba e cabelos longos e grisalhos, incisivo, falando com as mãos e os olhos castanhos cor de mel bem abertos, por detrás dos óculos, lançou um repto interrogando-me: «E a dominação já acabou?».

Paulo Freire revelou-me, sorrindo com humildade ao descrever a experiência política e administrativa como decisor num município cujo orçamento para a educação envolve cerca de um terço das receitas globais e emprega mais de um terço dos funcionários municipais, que foi talvez um dos secretários Municipais da Educação menos poderosos e por isso mesmo «o mais poderoso com a distribuição do poder». Mito da pedagogia crítica, exilado mais de quinze

anos, Paulo Freire frisou também que «a luta de classes não é o único motor da História» e que jamais se referiu às classes sociais de forma mecanicista

O socialismo real e a História

Falou-me sem peias da educação face aos média e às novas tecnologias e sustentou que o socialismo real falhou em grande parte porque renunciou a «uma boa metafísica», quer dizer a uma boa compreensão da História como possibilidade e não da História como determinismo. Para o pedagogo, a desproblematização do futuro gerou uma compreensão e uma prática mecanicista e determinista da História.

Escreveu numerosos livros, traduzidos em mais de dezoito idiomas, onde pontifica a *Pedagogia da Esperança*, *A Pedagogia da Autonomia*, o seu último livro, foi publicado em Abril de 1996, em São Paulo.

Na sua modesta grandeza, singular dos Homens ímpares, Paulo Freire fez questão em tomar um café comigo, com o gosto de quem ama um dos símbolos do Brasil. Numa curta pausa da entrevista autografou com uma satisfação estampada no rosto alguns dos seus livros que fez questão em oferecer-me, num acto de apreço pela minha presença e procura incontida em partilhar, mais e mais, o saber.

Um interessantíssimo livro de 765 páginas, publicado em Abril de 1996, intitulado *Paulo Freire – Uma Bibliografia*, de Moacir Gadotti, Director do Instituto Paulo Freire, que comprei já no Brasil numa das minhas idas à Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, espelha um pouco, para quem conheça ou não a vasta obra de Paulo Freire, o percurso do Homem, do Pedagogo e do Pensador Universal que foi e que, como jornalista português – o último a ter privado profissionalmente durante uma hora com Paulo Freire –, procuro aqui dar o meu testemunho vivencial daquele momento.

Paulo Freire foi uma das personalidades que influenciou profundamente a minha maneira de ser e pensar na juventude, em Angola, através da obra *Pedagogia do Oprimido*. Volvidos vinte e três anos quis redescobrir o Homem que conhecera «em livro», e reencontrá-lo para lá da *Pedagogia do Oprimido*, na era do *Homo Digitalis*.

Ao longo da sua vida, diversas Universidades das mais conceituadas do mundo, que não cabem na palma das minhas mãos, concederam-lhe o título de Doutor *Honoris Causa*. Foi também candidato ao Prémio Nobel da Paz, em 1993. Com pena, pareceu-me até com uma certa mágoa, confessou não conhecer Portugal e lamentou não ter podido vir receber pessoalmente aquele galardão pela Universidade do Algarve. Uma doença temporária impediu-o e o conselho do médico prevaleceu.

O seu livro mais conhecido, *best-seller* mundial, é por certo *Pedagogia do Oprimido*, que dedicou «aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam». Se na conversa que mantivemos sustentou estar este livro mais actual do que nunca, como explica na *Pedagogia da Esperança*, hoje, a sua vasta obra, com a sua morte, ganha uma outra dimensão, ainda maior, na área da Educação.

Paulo Freire naquela manhã em que nos encontrámos surgiu aos meus olhos como uma pessoa bem-humorada, decidida, tolerante, de uma bondade tocante, coerente consigo, que apreciava esta qualidade nos outros, que tinha como ideia de felicidade a luta e de desgraça a opressão e que não simpatizava com o intelectual arrogante.

Tinha uma percepção muito nítida dos principais acontecimentos a nível mundial e das correntes de pensamento que hoje fazem escola. Contudo, «o Brasil estava-lhe no coração» e a realidade multifacetada, nua e crua, deste país continental, «pulmão do mundo», atravessada nomeadamente por contrastes sociais, económicos e culturais tão profundos, levava-o a equacionar e questionar «velhos e novos paradigmas».

A maior paixão era ensinar e aprender

A sua paixão, do fundo da alma, era ensinar-aprender. O gosto de viver e «o sal da vida» estavam-lhe estampados no rosto e na convicção com que falava.

Escutei-o com um misto de admiração e respeito, pois o seu saber e a sua forte personalidade «tocavam a alma», não podiam deixar ninguém indiferente.

As ideias e as frases fluíam-lhe de forma fácil e genial, sem qualquer hesitação e esforço, envolvendo-me numa atmosfera tão natural como de espanto por mim contido

Na sua genial simplicidade, Paulo Freire, «Homem de mil andarilhos», que calcorreou o mundo, como se classificava, confessou-me que o seu prato favorito era o «peixe ao leite de coco». A conversa proporcionou-se porque depois da entrevista eu viajava para Maceió, Alagoas – para quem não sabe ou não conhece, a terra de Collor de Melo e PC Farias –, e sugeriu-me comer o célebre e típico peixe agulha daquela zona deslumbrante do Brasil, onde o azul esverdeado das águas do mar encanta a alma, descansa o olhar e aquece o coração.

No encontro que tivemos em sua casa, numa zona nobre da cidade de São Paulo, onde o calor húmido e a elevada poluição se diluem entre o verde luxuriante das árvores e a força colorida da natureza, foi o Homem, o Pedagogo e o Pensador Universal que procurei conhecer neste virar do milénio

Confesso não ser fácil falar de uma personalidade tão multifacetada e heterodoxa, marca que caracteriza os grandes Homens do século XX. Mas se do Homem dei testemunho, do Pedagogo e do Pensador Universal gostaria de enfatizar alguns apontamentos mais, os quais passei ao papel na entrevista que fiz e que foram dados à estampa em Portugal no dia em que Paulo Freire faleceu (2 de Maio de 1997), ou que ficaram por publicar

Para o educador e pedagogo, mais do que falar actualmente no «método Paulo Freire» é importante abordar a compreensão crítica da prática educativa – que implica uma concepção crítica do processo de conhecer, de ensinar e aprender

«A minha posição – realçava Paulo Freire – centra-se muito mais no campo da teoria do conhecimento, no campo da política e no campo da prática educativa. Necessariamente não esqueço a metodologia da prática em si mesma»

Paulo Freire criticava a falta de respeito das escolas, de um modo geral em todo o mundo, em relação à autonomia dos educandos, à sua identidade cultural que, como sublinhava, passa pela identidade de classe. Dentro da mesma óptica, chamava a atenção para a linguagem do educando, «à sua sintaxe e prosódia» e manifestava-se apoiante da formação permanente das educadoras e dos educadores

No final do século, em que a globalização impera, Paulo Freire contrapõe a educação para a formação à noção neoliberal, cujo objectivo é educar com vista a treinar do ponto de vista meramente técnico e científico

Outro aspecto que não descurou foi a autonomia da escola, questionando-se: «Como é que se pode contribuir para um processo democrático com uma escola manietada pelo poder?»

Paulo Freire defendia a dinamização de uma pedagogia democrática sem estruturas administrativas autoritárias, porque como gostava de sublinhar, «a consciência não se constitui fora das estruturas»

Os média e a informática

Sobre os média e a informática considerava que um educador ou uma educadora que não estejam à altura do seu tempo não podem funcionar.

«Para mim – dizia – a minha tese sobre o assunto é a seguinte: primeiro, não é possível desconhecer a importância dos avanços tecnológicos; segundo, não se pode divinizar a tecnologia; terceiro, não é possível também diabolizar a tecnologia; quarto, é preciso assumir então uma posição crítica diante da existência fundamental da tecnologia, enquanto criação humana. Não foi o diabo que inventou a tecnologia, fomos nós. Negá-la ou rejeitá-la, jamais!»

Paulo Freire opunha-se calorosamente ao fatalismo que impregna a ideologia neoliberal em todo o mundo. Refutava que a História terminasse no sentido em que se deu a vitória definitiva do capitalismo, que é hoje neoliberal. Nesta fase da conversa lembrou-me teóricos como Francis Fukuyama, que escreveu *O Fim da História e o Último Homem* (1992), com os quais certamente discordava, ou Paulo Freire não se confrontasse, ali mesmo, com a realidade brasileira e a de países onde se agravam défices assustadores de desenvolvimento, o flagelo da fome e as múltiplas contradições sociais tão vincadas. Por outro lado, dizia que com a ideologia neoliberal havia uma postura completamente diferente, também fatalista, consoante o objecto da incidência da dor fosse a classe popular ou não.

Citou o caso dos 30 milhões de brasileiros que vivem abaixo do limiar da pobreza e o problema da circulação de cerca de três triliões de dólares à pro-

cura de onde se obtém mais lucros, que afecta a economia mundial, mas que não é uma fatalidade para os neoliberais, sendo preciso apenas discipliná-los. Quanto à reforma agrária no Brasil e aos Sem Terra, ironizou afirmando que ninguém neste país da América do Sul disse que «é uma fatalidade.» – portanto, tem de ser feita! No entanto, admitiu existir quem afirme que «já não é necessária.»

Na opinião de Paulo Freire, hoje é impossível desconhecer a presença dos novos movimentos sociais como espaços de exercício e de educação para uma cidadania plena. A este propósito referiu-se-me deste modo:

«Os partidos terão de voltar-se para as experiências grupais, locais, revitalizarem-se nas experiências comunitárias locais ou, para mim, perderão o seu papel histórico. Não vejo como poderão continuar por muito tempo a seguir as linhas tradicionais da sua prática política. Julgo que terão muito que ver e aprender com os movimentos sociais.»

Reportando-se à questão da cidadania, da liberdade e da libertação, reconheceu que perpassam toda a sua obra. Para o educador e pedagogo «não há cidadania sem liberdade, sem liberdade assumida e sem ética.» Tinha uma concepção dinâmica do conceito de liberdade, que expressava deste modo: «Nas situações em que a liberdade foi ferida e subjugada, há que libertar para em seguida assumir a liberdade para que ela de novo seja ferida.»

Paulo Freire rejeitava o fatalismo, advogava a participação cívica e profissional e opunha-se aos determinismos sociais de todo o tipo e para todo o sempre. Defendia o respeito pela cultura do iletrado e a falsa ideia de que ser «analfabeto» é ser inculto.

Quando se vislumbra o próximo milénio, depois de uma hora de entrevista com Paulo Freire, uma ideia retive: é preciso educar para a vida no sentido de uma cidadania plena; não basta transmitir apenas o saber. Talvez seja este o legado que recolhi de um dos maiores educadores e pedagogos deste século, Paulo Freire.

Lisboa, 23 Fevereiro de 1998

O CONTRIBUTO DE PAULO FREIRE NAS PARTES COLORIDAS DO FILME DA MINHA VIDA

António Cardoso Ferreira²

Às vezes ponho-me a pensar na minha vida como se fosse um longo filme a preto e branco que, de vez em quando, tem breves sucessões de imagens coloridas, luminosas e nítidas. Penso também que toda essa rotina cinzenta do dia-a-dia, bem como os imensos espaços de penumbra através dos quais procuro, sem ver, o sentido das coisas, constituem afinal uma importante parte do que sou, pois é sobre esse fio condutor do «eu» que assentam os momentos de luz e cor em que me assumo e deslumbro com a experiência de viver.

Aquilo que tenho talvez de mais importante para dizer sobre Paulo Freire é que ele tem estado ligado muitas vezes às imagens com maior cor e nitidez do filme da minha vida, pela forma como contribuiu para a minha aprendizagem do que representa o movimento de se erguer, vivenciado por uma pessoa no processo de conscientização, e da troca de energias que decorre duma praxis libertadora e solidária em que a nossa procura de Ser Mais se insere no sentido da História.

Paulo Freire entrou na minha vida quando eu tinha vinte anos, trazido por gente com quem entrelacei uma amizade cimentada pela partilha de experiência, de ideias e de afectos. Mas veio sobretudo ligado ao desafio concreto de viver processos de conscientização através da alfabetização de adultos, numa sociedade hostil ao esforço de libertação dos pobres e oprimidos.

Por isso, pensar em Paulo Freire foi sempre, para mim, diferente de estudar um modelo ideológico, porque desde o início ele surgiu misturado com imagens de pessoas à procura de aprender a ler a vida para além das palavras, e a escrevê-la também com as suas mãos e os sonhos. Pessoas pobres, à volta duma mesa no Alentejo (Portalegre, 1968) ou na Beira (Coimbra, 1970), dialogando, partilhando, construindo. Pessoas em diálogo, partilha, construção, comigo próprio com eles envolvido, e por isso também posto em causa, também aberto à mudança.

² Médico de Saúde Pública

Entretanto, eu estudava Medicina em Lisboa e começava a questionar-me sobre o modelo médico hospitalar, cuja prática impositiva olhava o doente como um objecto desinserido da sua realidade, a qual, aliás, pouco interessava aos doutores

A necessidade de contribuir como técnico de saúde para o desenvolvimento das pessoas e comunidades levou-me à escolha da carreira de Saúde Pública, e à opção, dentro desta carreira, pelo trabalho no terreno, com comunidades predominantemente rurais

Não tenho dúvidas que então Paulo Freire e Arnaldo Sampaio influenciaram fortemente estas minhas escolhas. Mas se com Arnaldo Sampaio (na altura, Director Geral de Saúde) era possível dialogar frequentemente, não posso esquecer a única conversa acontecida com Paulo Freire, na cidade de Génève, em Novembro de 1974, quando a Celeste Isabel, a M^a José e eu próprio lhe fizemos uma visita de surpresa

A sua presença real juntou-se então à presença que já tinha anteriormente chegado até mim através dos livros, dos testemunhos de outros, e das experiências de alfabetização.

O mais extraordinário foi que tudo aconteceu com a maior das naturalidades. Ali estava uma pessoa, assumindo-se com qualidades e defeitos, que apesar do peso da burocracia institucional era capaz de abrir as portas de par em par para conversar com três portugueses que o importunavam sem aviso prévio

O Portugal pós-25 de Abril foi tema importante da conversa, mas debruçámo-nos também sobre a ideia de desenvolver os princípios pedagógicos de Paulo Freire nos processos de promoção da saúde com grupos e comunidades.

Paulo Freire animou-se, apontou pistas, estabeleceu relações entre o que vinha acompanhando no sistema educativo e o que poderia fazer-se na área da saúde. Despedimo-nos, combinando novo contacto aquando de uma futura vinda a Portugal, contacto este que nunca se chegou a concretizar

Repensando-o agora, sinto que aquele foi um dos tais momentos coloridos da minha vida, em que reforcei a convicção de que a História dos Homens é um longo processo de consciencialização/libertação solidária, um processo que envolve a vida toda, com o que nela há de luta e sofrimento, de criatividade e alegria, e que não pode ser espartilhado em áreas como se se tratasse de dife-

rentes disciplinas – educação, saúde, cidadania, etc –, pois tudo aponta para o desenvolvimento global da pessoa como sujeito consciente e crítico, interagindo com os outros na transformação de si próprio e do mundo à sua volta

Ao longo dos 23 anos já decorridos da minha actividade profissional como médico de saúde pública em concelhos do interior rural (Aljustrel, Mértola, Paredes de Coura, Gouveia), tenho aprendido o que é a atitude submetida, fatalista, face à Saúde/Destino/Sorte; a atitude ingénua perante o médico-mágico ou a tecnologia-capaz-de-milagres; a atitude egocêntrica de quem só vê um determinado caminho na resposta aos problemas de saúde, identificados; e a consciência crítica libertadora de quem dialoga, partilha incertezas e procura construir conjuntamente com outros as respostas necessárias

Frequentemente, são os próprios técnicos de saúde e os políticos responsáveis por esta área quem reforça a submissão aos mitos, quem se apresenta como «dono exclusivo da verdade», quem perverte os processos educativos, transformando o diálogo em recados de sujeito para objecto, sem ter em conta as realidades, as culturas e as motivações

Em alternativa, o caminho da conscientização e da praxis libertadora no campo da saúde passa por descer do pedestal dos conhecimentos científicos e procurar entender as vivências, as necessidades e as expectativas das pessoas, juntando a formação técnica aos saberes culturais de cada comunidade, dialogando, debatendo possíveis caminhos e proporcionando que pessoas e grupos se apropriem dos recursos que estão ao seu alcance para construir solidariamente as respostas que lhe parecem mais adequadas

Afinal, a Saúde é um conjunto de capacidades que têm como suporte um potencial genético mas que irão ou não desenvolver-se ao longo da vida a partir das interações das pessoas com o ambiente que as rodeia e das escolhas que vão fazendo. Por outro lado, esta abordagem leva-nos a saltar do campo específico da saúde para olhar a dimensão global de cada pessoa e de cada comunidade, pois a saúde é um recurso para a vida, e a vida é um entrelaçado de coisas que não podemos desligar umas das outras

Daí, que o caminho da minha projecção dos princípios de Paulo Freire no campo da saúde me tenha levado também a alargar as formas de intervir, participando em equipas intersectoriais, em grupos informais e em associações de cidadãos. Nestes contextos, e a partir de determinadas situações concretas,

temos procurado, por exemplo, proporcionar condições favorecedoras do desenvolvimento das crianças, promover actividades lúdicas como caminhadas na Serra da Estrela ou Festas Comunitárias em pequenas localidades, desenvolver com os jovens competências pessoais e sociais, lutar contra a exclusão social, e investir no desenvolvimento local, mantendo a identidade cultural de cada comunidade

Por detrás da aparente diversidade de todas estas iniciativas está afinal um conjunto de princípios que Paulo Freire tão bem explicitou e que poderão ser sintetizados citando duas pequenas frases da *Pedagogia do Oprimido* e outra da *Pedagogia da Esperança*:

– O *«Homem, como ser inconcluso, consciente da sua inconclusão, está em permanente movimento de busca do Ser Mais»*

– *«Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho – Os Homens se libertam em comunhão»*

– *«A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da Sociedade»*

Decerto entenderão que diga, para terminar, que neste percurso me sinto cada vez menos um médico seguro das prescrições a fazer, e cada vez mais alguém que acompanha pessoas à procura do sentido do SER MAIS, dialogando, animando escolhas e cooperando com outros em processos nos quais a conscientização é motor de mudança.

Guarda, 4 de Maio de 1998

A DIMENSÃO HUMANA DE PAULO FREIRE³

Francisco Gutiérrez⁴

PAULO FREIRE passará à história como o autor da *Pedagogia do Oprimido* e da *Pedagogia da Autonomia*, para nomear apenas a mais importante das suas obras e a última. O certo é que se considere a sua vida de educador, pedagogo e político como o resultado de uma personalidade extraordinariamente sensível, terna, coerente e comprometida.

Quero referir-me neste texto às experiências pessoais através das quais cheguei à convicção de que só pelo seu amor e compromisso com os seres humanos e através da dimensão da sua existência pode brotar, como corrente vivificadora, o seu legado pedagógico revolucionário.

Paulo Freire, sensível e coerente, manifestava muito interesse e manipulava com grande vontade a perspectiva holística, a consciência planetária e a espiritualidade do novo paradigma científico. Este foi o tema da conversa do nosso último encontro, no ano passado, numa das sessões do Instituto Paulo Freire. Recordámos com Frei Betto que «a existência humana não pode mais ser vista fora de uma perspectiva quântica» e que só a partir desta dimensão é que poderemos partir para uma nova etapa da humanidade. Até agora, e durante os últimos séculos, a nossa cultura ocidental, ao confiar de modo absurdo nos ditames racionalistas, perdeu o norte da sua existência, fazendo com que os seres humanos deixassem de ser felizes. Para recuperar a felicidade é necessário confiar muito mais na intuição e nas emoções, de modo a viver mais intensamente e plenamente a integridade inerente à pessoa humana. A energia cósmica não é nem deve ser algo estranho ao nosso quotidiano. A subjectividade, a ética profunda e a espiritualidade fazem com que vibremos harmonicamente com os outros seres vivos e com toda a natureza.

Uma vez mais o mestre Paulo Freire, o carismático, o atento e o sensível, mostrava-nos o caminho para o próximo milénio. Necessitamos estar abertos para encontrar o sentido dos novos caminhos que é preciso percorrer. O

³ Texto apresentado aquando da morte de Paulo Freire.

⁴ Professor Emeritus Universidade de Heredia Costa Rica.

Freire, conversador, convivencial e inspirador, revelava mais uma vez a sua personalidade amorosa e profundamente humana

Não é a razão senão o amor

Paulo Freire e Nita esperavam-nos na sua casa. Nessa noite Cruz, minha mulher, conheceu Paulo. Previamente tinha preparado o seu gravador e dispunha-se a recolher os seus comentários políticos e pedagógicos. Os sandinistas tinham acabado de perder as eleições. No entanto, muito rapidamente a conversa deslizou com toda a naturalidade para o amor, essa emoção fundamental que, como dizia Humberto Maturana, torna possível a plena realização do ser humano. Paulo Freire, agora com Nita e antes com Elza, conseguiu realizar-se na plenitude de dar-se, na criação permanente de novas formas de dar, receber e atingir o amor. Sem falarmos de política e pedagogia, tínhamos partilhado algo fundamental: a razão não é senão a emoção e o amor dos que tornam possível a relação de convivência e a aceitação mútua.

O poema necessário «Canção Óbvia»

Tínhamos participado em Persépolis num seminário sobre alfabetização. Paulo tinha recebido naquela oportunidade o prémio UNESCO partilhando a sua alegria com alfabetizadores de sessenta países. O representante da sua pátria, do seu querido Brasil, tinha-se retirado do seminário, ridicularizando oficialmente, de forma grotesca e vergonhosa, a contribuição e significado de Paulo Freire para os processos de alfabetização. Este facto magoou-o profundamente.

No dia seguinte coube-me a mim acompanhá-lo de regresso a Genebra. Foram horas de conversação, de partilha de sonhos e experiências. Depois do pequeno almoço, na carta do menu da companhia aérea, Paulo escreveu-me com a espontaneidade e o amor que o caracterizavam, uma poesia com o título «Canção Óbvia». Referia nela momentos de expectativa e de diálogo com os homens, mulheres e crianças; também momentos de desconfiança para aqueles que nos dizem que é perigoso caminhar, que é perigoso falar e que é perigoso escutar, aqueles que antes nos denunciavam e agora ao engano nos anunciam.

Termina o poema com um canto de esperança: «Esperarei por ti como o jardineiro que prepara o jardim para a rosa florir na primavera» A poesia de Paulo é um canto ao óbvio, que tantas vezes têm sido negado – e continua a ser – pelos guardiões do sistema, aos quais perturba o sentido daquilo que é evidente e a acção sincera de tantos seus caminhantes, como o foi Paulo Freire

Termino estas pinceladas transcrevendo alguns pensamentos inspirados na leitura da sua obra ou mesmo na relação directa de amigo

Em Paulo Freire o abraço de amigo não é um abraço estereotipado, nem um cumprimento formal. Não há nele qualquer espécie de simulação, pois não oculta aos seus irmãos, aos homens e mulheres, o seu genuíno e autêntico rosto. A comunicação dialógica que é seu predicado parece ter-se encarnado nele desde a sua infância. Para expressar-se não necessita fazer uso da linguagem verbal, fá-lo sem esforço através de todo o seu corpo: de seu rosto, de seus gestos, de seus olhos e de seu tom de voz. Ao lado de Paulo Freire ninguém consegue permanecer em silêncio por largo tempo. A sua fisionomia risonha, o seu peculiar movimento de olhos ao saudar-nos, as suas palmadas sinceras e ternas, reflectem uma permanente preocupação em viver em intensa comunicação com os outros. Quando li, num livro de Julio Fast, que a pessoa de costas encurvadas possui um ego comunicável e amistoso, penso de imediato no meu amigo Paulo. Todo o seu corpo está sem defesas, diáfano, pronto para o diálogo. A sua venerável figura patriarcal apenas emana ternura e bondade.

NOTAS SOBRE UM REGRESSO ADIADO

António Nóvoa⁵

Maio de 1994 O meu (re)encontro com Paulo Freire, nos anos 90, teve lugar em Águas de São Pedro, durante o III Congresso Estadual Paulista. No último dia ser-lhe-ia prestada mais uma merecida homenagem. Na véspera, aceitou receber-me para uma visita de cortesia. Em vez dos 15 minutos previstos, foram horas de conversas, entrecortadas a espaços pelo olhar da sua mulher, Nita, vigilante de cansaços e de cuidados com a saúde. Por aquele quarto de hotel passou o mundo todo. O Recife, a experiência pioneira de Angicos, o exílio e o regresso ao Brasil, os compromissos políticos, a docência universitária. A América do Norte e a Europa, com tantos amigos comuns, de Genebra a Harvard. A América Latina e a África, com os episódios da guerrilha, da libertação e das independências. E Portugal, claro! Paulo Freire é um fabuloso contador de histórias. Uma sucede-se à outra como se estivessem encadeadas em ordem pré-definida que a conversa não perturba. A recepção da sua obra é motivo de reflexão: ora se espanta com análises tão sofisticadas que nem ele próprio – confessa – as compreende, ora se emociona com a história do guerrilheiro que a campanheira ensinou a ler pelos seus livros, ora se indigna com certas apropriações abusivas e oportunismos de tipos vários. Ninguém pode ficar indiferente a este homem e às suas histórias. No abraço de despedida, compreendemos que em Educação não há ciência sem consciência, não há pensamento sem sentimento, não há investigação sem acção. É este o seu drama e a sua glória como educador.

Março de 1995 Algumas cartas de Paulo Freire são apaixonantes. Na falta de conversa – do diálogo vivido que prefere a tudo o mais –, solta as palavras em missivas que só ele sabe escrever. Desta vez, manifesta-me o seu contentamento pela notícia de que a Universidade de Lisboa decidiu atribuir-lhe o Doutoramento *Honoris Causa* e, ao mesmo tempo, a sua tristeza por saber que os seus livros mais recentes não circulam em Portugal. Ora, depois do Brasil, era aqui que ele gostaria de ser lido, pois as traduções adulteram tantas vezes o

⁵ Professor Catedrático da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

«saber» da nossa língua «Que fazer» – pergunta-me, sabendo que a resposta não é simples e que um dia esta língua, que agora nos separa, talvez possa ser a língua-da-nossa-união. Para um brasileiro que se alonga em português, como tantas vezes repetiu, não há pior exílio do que ser lido em todo o lado, mas não aqui

Janeiro de 1996 Na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa realiza-se a cerimónia solene de atribuição do grau de Doutor *Honoris Causa* a várias personalidades da vida académica. Paulo Freire faz parte dos agraciados, mas a doença impede-o de estar presente. O representante dos estudantes não deixa passar a oportunidade e sublinha a importância do pensamento de Freire para a sua geração. Nesse instante, percebo claramente que o autor da *Pedagogia do Oprimido* e da *Pedagogia da Esperança* não é um contributo «datado» e que o seu apelo à utopia tem eco junto dos mais jovens. No elogio então proferido, assinalarei que Paulo Freire não teve ainda, no nosso país, o reconhecimento público que merece: «É conhecida a imperfeição, talvez mesmo a injustiça, com que tratamos os nossos. E Paulo Freire é, definitivamente, um dos nossos. Ele é o mais importante pedagogo de língua portuguesa do século XX. A sua vida e a sua obra impõem-no como uma referência obrigatória, uma vez que transporta memórias e conceitos essenciais para o esforço científico de pensar a educação e a escola. A designação de pedagogo, hoje em dia reservada apenas para os grandes pedagogos, cola bem à pele deste homem, que cruza o pensamento humanista cristão com uma ideologia de transformação social. Paulo Freire é uma personalidade apaixonante, que sabe que o seu contributo vai muito para além da sua existência como homem, e que sabe também que, num certo sentido, a sua obra já não lhe pertence. Hoje, aos 74 anos de idade, a tranquilidade do sábio permite-lhe a liberdade do intelectual, que não renuncia a chamar as coisas pelo nome. E que não cala a indignação perante as misérias do mundo e perante a forma como a educação contribui para estas misérias. Ele sabe, acredita, que tudo pode ser diferente».

Abril de 1996 A convite de um grupo de colegas da PUC-São Paulo, dirijo-me ao anfiteatro para proferir uma palestra sobre professores e currículo. À minha espera tenho Paulo Freire, que insiste em estar presente, apesar dos problemas de saúde que o apoquentam. É uma surpresa boa. Convidado para a

mesa, não o deixamos sair sem que diga algumas palavras. A custo, agarra no microfone. Sente-se que está cansado e que faz esforço para falar. Mas, pouco a pouco, vai embalando. Como se o próprio acto de comunicar lhe trouxesse novas energias. O público sente-o. E ele responde com novas palavras. Fala da sua experiência como responsável da política educativa em São Paulo, como conferencista em universidades norte-americanas, como parceiro junto de movimentos de libertação, como professor universitário. O prazer da palavra ocupa o lugar do esforço e expulsa o cansaço. Ao longo de uma hora, conversa sobre os problemas dos professores e os grandes debates curriculares do século que está a começar. No final, estamos todos rendidos ao seu saber e ao seu querer. É a lição de um homem que não é de meias-palavras, nem de meias-tintas. Mais tarde, confessar-me-á que é alto o preço que paga por estes arrebatamentos, tão desgastantes. Mas «eu sou um falador» e este «é o meu desígnio».

Novembro de 1996 Em sessão extraordinária do Conselho Universitário da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo são entregues a Paulo Freire o diploma e as insígnias de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Lisboa. O reitor da PUC-São Paulo abre a sessão lembrando a importância do momento «em que uma figura que lutou pela liberdade, que esteve no exílio, que é Professor desta Universidade, recebe o título de uma das universidades mais importantes do mundo». Paulo Freire pega na palavra. Num improviso notável, começa por falar do «desconfiómetro» – sempre a necessidade de inventar conceitos novos –, para em seguida desenhar as contornos da relação entre colonizador e colonizado. Essa «ambiguidade de ser e de não ser», que causa a repulsa e a atracção, «porque História se recusa, se briga, conta-se, se procura esquecer até, mas não se apaga». Paulo Freire é um homem de palavra. E é enorme o seu gosto pelas palavras. Para ele o diálogo não é uma questão instrumental ou estratégica, mas, bem pelo contrário, um aspecto central do seu projecto educativo. As histórias, pequenas e grandes, que ilustram o seu pensamento são um meio poderoso de comunicação. Mas não se cansa de repetir que «ninguém pode dizer a palavra sozinha».

Abril de 1997. Paulo Freire ao telefone: «Oi! Acabo de receber o roteiro da minha próxima viagem a Portugal. Vejo que o avião faz escala no Porto. Não será possível passar aqui uma noite? Tenho tanta vontade de umas tripas à

moda do Porto. E depois podíamos vir de carro e ir matando saudades das terras do teu país. Estas foram as últimas palavras que troquei com Paulo Freire. Uma semana depois chegava a notícia, brutal, da sua morte. O desejo de voltar a Portugal ficou por cumprir. E o desejo de o homenagearmos, em nossa casa, ficou adiado. Permaneceram as palavras e os sentimentos. O imenso afecto pelos lugares, que Paulo Freire sempre revelou. Portugal estava bem nítido no seu mapa de memórias: Lisboa, Porto, Coimbra... e a presença destas cidades na sua África e no seu Brasil.

Março de 1998. Alguns amigos de Paulo Freire juntam-se para falarem da sua vida e da sua obra. O Simpósio tem o sabor amargo da sua ausência. Uns meses antes tinha dito: «Hoje, eu estou repleto de alegria e espero chegar um dia a Lisboa, nadando nesta alegria enorme, para em certo sentido devolver a quem me deu a alegria um pouco dela». Se há um traço que me fica do contacto com Paulo Freire é o desejo da coerência, «coerência com que se vive no mundo, coerência entre o que se diz e o que se faz». Se há um aspecto que me espanta é a extraordinária difusão mundial da sua obra, ele que para ser «internacional» não precisou – antes pelo contrário – de renunciar às suas raízes. Não foi por arredondamento das formas, por ajustamento aos padrões europeus ou americanos, por descaracterização, que Paulo Freire se tornou na grande referência pedagógica deste final de século. Foi, sim, por afirmação das raízes, das origens, das culturas próprias de um nordestino: «Antes de tornar-me um cidadão do mundo, fui e sou um cidadão do Recife, a que cheguei a partir de meu quintal, no bairro da Casa Amarela. Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidades tenho de me espraiair, me mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho existencial é inverso». Se há uma memória que guardo de Paulo Freire é esta simplicidade na explicação de matérias tão difíceis e complexas. Se há um desejo que alimento é que não se perca a sua pedagogia do exemplo. Lembro-me da sua generosidade, do seu afecto, da sua coragem, da sua intransigência. Sabemos os dois que ele só podia ter sido educador...

Lisboa, 1 de Maio de 1998